

Directora — Antónia Barreto

Redacção e administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga

**N**O meu livro de notas, encontra-se registado: "Crianças que desejam saber: Com que idade se pode ser Missionário?..."

Se aceito os selos usados das cartas?... *Mas isso nem se pergunta, e com muito reconhecimento!*

Qual é a obra a que em Missão se pode dar mais o nome de "missão"?... *Isso depende!*

Quanto tempo leva a receber a resposta dum chinêsito ou dum negro?... *O melhor é experimentar!*

Se já prèguei aos antropófagos?...

Se é verdade que tendo salvo um pagãozinho da morte, se vai logo direito ao Menino Jesus?...

Quanto é preciso para comprar um chinês?... Digo a verdade, meus amiguinhos, nem me deixais respirar!



Mas estou muito contente, encantada mesmo. E como recompensa de tôdas as vossas perguntas, contar-vos-ei hoje uma linda história da qual, estou convencida, gostareis imenso.

"Vai chamar a Mimá!,

Logo uma negrinha, pondo as mãos em forma de corneta, grita com tôda a fôrça dos seus pulmões:

— Mimá!

— Mimé!

— Mimi!

— Mimó!

— Mimu!

E assim recomeçam a cantilena, até repeti-la três ou quatro vezes.

Qual a razão de tais variantes?

Preguntai-o aos negros; só eles poderão res-



ponder-vos. Talvez questão de acústica, ou então unicamente o prazer de cada um contribuir com a sua nota pessoal. Não há outra explicação. Mas isso não importa! Embora tivessem chamado *Mimá*, *Mimé*, *Mimi*, *Mimó*, *Mimu*, passados alguns instantes ei-la que aparece, encantadora com a sua cabecinha muito crêspa, os seus lábios sempre sorridentes e um ponto de interrogação malicioso nos seus grandes olhos lípidos.



*Mimá* não é o seu verdadeiro nome, ou pelo menos o seu nome completo. Veremos

mais tarde como êle lhe foi dado. A pequenina negra nasceu numa dessas aldeias perdidas no mato, selvagem entre as mais selvagens. Órfã quasi desde o berço, tornou-se — assim o decretam os costumes da região — propriedade do seu tio materno o *ngou olumi*. Pagão até à medula dos ossos, possuía um grande número de mulheres, o que lhe dava o prestígio dum chefe poderoso e considerado.

Depois da morte da mãe, *Mimá* foi conduzida a casa d'êste *ngou olumi* e instalada numa das casas que as mulheres habitavam.

O que fazia ela? Não era grande coisa. Os primeiros anos passou-os a receber duas ou três vezes por dia a sôpa de mandioca e a tomar banhos de sol. Depois começaram os passeios em volta das cubatas e, em seguida, conforme as forças iam aumentando, algumas tentativas de emancipação, vadeagem pelo bosque, e outras emprêsas muito felizes e cada vez mais audaciosas.



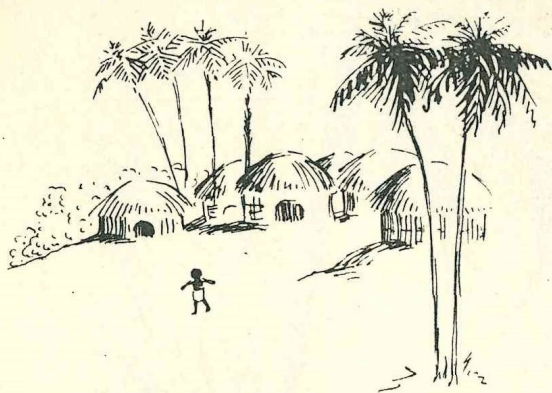
Quando chegou aos quatro anos passava os dias, quási pela manhã à noite, longe da aldeia, em tirocínio prolongado nas ribeiras piscosas que serpenteiam através das grandes florestas. No tempo das chuvas, as grandes extensões cobertas de belo musgo e de verde relva transformam-se em imensos pântanos. Que imprudente era esta Mimá! E não lhe tinham dito e repetido mil vezes que as florestas estavam cheias de liões, tigres, serpentes e mil outros animais ferozes sempre à espreita de alguma presa? E não lhe tinham dito também que nos pântanos e entre as canas da encantadora ribeira, os maus crocodilos dormiam dissimuladamente e que abrindo os seus enormes queixais podiam agarrá-la e num abrir e fechar de olhos levá-la para o fundo das águas?

Mas quê, a desobediência de Mimá caminhava de mãos dadas com o seu feitio vagabundo... e depois, coitadita, já não tinha mãe para vigiar por ela!

Mas se bem que pagã, todavia Mimá tinha um bom anjo da guarda. E, com certeza, foi devido a êle que nunca desgraça alguma aconteceu a esta pequena estouvada. Durante todo dia, andava dum lado para o outro, segundo lhe soprava a imaginação, depois de ela própria ter tratado de prover ao seu jantar que constava de gafanhotos, formigas brancas, raízes e frutos selvagens com algum bocado que sobrara de *chikwangué*. À noite, quando surgia no firmamento o disco brilhante da lua, Mimá regressava ao domicílio.

Cansada de tão longos passeios, de boa vontade se estenderia sôbre a sua esteira, mas era a hora das danças e não tinha remédio se não tomar parte nelas; o tio queria assim e por isso tinha de saltar ao som do tantã e do tambor até altas horas.





Além das danças, acontecia às vezes morrer alguém na aldeia ou nos povoados vizinhos, ou o chefe de qualquer domínio próximo; então realizavam-se cerimónias fúnebres que nunca mais ti-

nham fim e às quais todos assistiam; durante noites consecutivas, em tórno do cadáver ressoavam lamentações e desenrolavam-se cenas macabras. Mimá não gostava dessas coisas; essas vigílias lúgubres e os gritos causavam-lhe medo. Mas como subtrair-se às ordens do *ngou olumi*? A ausência da sobrinha do chefe teria sido logo notada; embora custasse era preciso obedecer.

Mimá crescia, muito robusta e graciosa. O tio sentia-se orgulhoso com ela e fazia já belos projectos sôbre o futuro. Não iria dá-la em casamento ao primeiro que aparecesse... Exigiria em troca uma quantia bem considerável, muitas mercadorias, cabras, enxadas, tecidos, sal, panelas e muitas outras coisas mais...

(*Continua*!).

## FICAI CONNOSCO

Com os olhos muito abertos, a pobre velha fixava-nos muito surpreendida:

“O quê? Há um Deus poderoso que nos ama, a nós pobres *Sakkiliars* que os índios desprezam!,”

E as perguntas não cessavam de interromper a nossa breve exortação:

“É possível, Tayarée?... E onde está êsse *Swamy* (Deus)?

Que é preciso dar-lhe para que êle tenha piedade de mim?...

— Nada quere, nem ouro nem prata, mas a vossa fé, a vossa confiança.,

Lágrimas de reconhecimento corriam pelas suas faces emmagrecidas:

“Dignai-vos falar-lhe de nós... Tayarée, eu direi a minha oração enquanto um sôpro de vida

me animar, mas se depois da minha morte Deus não me vai reconhecer?...

Para ser “reconhecida,” a boa velha foi baptizada, e com as mãos postas e cabeça baixa, recebia com fervor a água santa sôbre a velha fronte cheia de rugas:

“Ó grande Deus Jesus, tende piedade de mim,” repetia ela várias vezes, e depois exclamou:

“Agora já não receio a morte, o Jesus do céu receber-me-á no céu.,”

O sol começava a declinar e tornava-se necessário deixar a pobre aldeia.

“Ficai connosco, insistiam os bondosos *Sakkiliars*, ignoráva-mos que o vosso grande *Swamy* do céu queria também saber de nós; nunca pessoa alguma veio aqui para no-lo fazer conhecer. Oh! ficai connosco!,”

## Aviso da Redacção

A Tribuna das Crianças será enviada grátis a todos os assinantes Bemfeitores dos Anais.

## A CHEGADA DOS PRÌNCIPEZINHOS

A grande península do Indostão — diz-nos a geografia — além das três grandes presidências de Bengala, de Madrasta e Bombaim compreende uma quantidade de “possessões mediatas, que quer dizer, outros tantos pequenos reinos ou principados mais ou menos importantes, governados por príncipes indígenas chamados Rajás. A mulher do Rajá tem o título de Rani que corresponde ao de Rainha.

Ora últimamente, a *Rani Bodinaykanoor* foi procurar as Francisca-nas Missionárias de Maria de Meliapor para lhes confiar não somente a sua filha *Minakski*, mas também duas sobrinhas e o seu pequenino *Anandam*, sobrinho também, apenas de três anos e meio.

Com muito interesse a *Rani* informou-se das diversas obras agrupadas dentro do convento. Há aí cinco escolas bem distintas para as crianças das diversas castas e ficou muito comovida ao saber que com os bebês da creche, o orfanato conta actualmente mais de 200 órfãs. A admissão das quatro crianças no Pensionato do Sagrado Coração foi decidida e fixada para a semana seguinte.

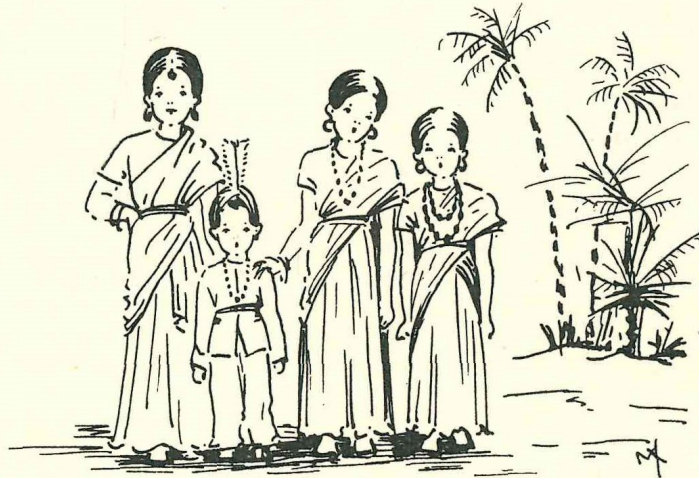
No dia marcado, conta uma das missionárias, os automóveis fechados e com as cortinas completamente corridas, assim o exige a pragmática quando se trata de princesas indianas, pára diante da escola do Sagrado Coração, destinada a receber crianças de alta casta. Mas, ó surpresa, os automóveis eram seguidos de pequenos carros donde emergiam os belos penachos das canas de açúcar. E enquanto as crianças desciam dos automóveis, e as criadas se apressavam a tirar dos carros não somente as belas canas de açúcar aper-

tadas em feixes, mas cestos de laranjas... de bananas e caixas de biscoitos, *Rani Bodinaykanoor* explica-nos que verdadeiramente surpreendida com a caridade católica, a qual sabe reservar o lugar dos pobres em tôdas as suas obras, tinha resolvido trazer um pouco de felicidade às nossas órfãs para atrair assim as bênçãos divinas sobre a educação das crianças recém-chegadas. Além disso desejava que elas fizessem a distribuição. As órfãs são chamadas imediatamente e que olhares de cobiça ao ve-

rem aquêles cestos cheios de molhos de cana de açúcar. Não lhes passa pela cabeça que tudo aquilo lhes vai ser distribuído!... Por isso que surpresa, que júbilo, quando vêem a princezinha *Minakski* oferecendo a tôdas uma daquelas belas laranjas, enquanto as primas a acompanham distri-

buindo bananas e biscoitos. O pequeno *Anandam* também não está inactivo e corre duma para outra levando a sua oferta. Depois é a vez das canas de açúcar. Uma cana de açúcar inteira, para cada órfã!... E canas mais altas do que elas!

As nossas queridas pequenitas não podiam acreditar no que viam os seus olhos; viravam e reviravam boas as laranjas! Nos dias de grande festa ficavam já tão contentes por ter apenas uma metade!... — Depois as canas de açúcar!... Que boas para sugar e inteirinhas! E ainda tanta coisa mais ao mesmo tempo!...



À noite, sôbre o travesseiro mais duma cabeceira loura se avizinhará do seu tesouro, enquanto que a cana de açúcar se erguerá como uma haste de bandeira à cabeceira da cama.

Feliz pela satisfação das crianças, a *Rani*, se bem que de religião hindu, pediu ainda orações das religiosas e das Crianças que prometeram tôdas a Missa do dia seguinte pelas suas intenções.

Mas eis o momento da separação.

Um criado aproxima-se do pequeno *Anandam* para lhe tirar as suas jóias, braceletes de ouro, anéis, colares, etc. E o menino já consciente da sua dignidade diz-lhe imperturbável:

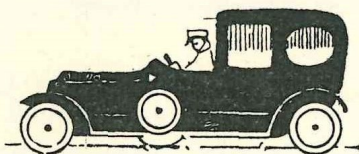
“Está bem, podes tirar tudo: leva-as ao banco e traze-me o recibo. Agora vai; eu fico aqui.”

A irmã Maria G. pega no pequeno para o conduzir ao Jardim de Crianças, mas quando os automóveis se afastam, o coraçãozinho de três anos e meio confrange-se e as lágrimas correm a-pesar-de tudo. Querendo no entanto dominar-se, *Anandam* não esboça um gesto, não solta um grito. Além disso, *Minakski* está com êle para lhe lembrar que é já um homem.



E como um verdadeiro homenzinho, *Anandam* seca as lágrimas; à ceia não perdeu nada do seu apetite e, mal lhe toca a cabeça no travesseiro, logo adormece.

Que belo sonho não teria nessa noite!... Não é já no belo palácio indiano, mas à sombra do santuário, perto de Jesus que vela por êle e que tanto ama as criancinhas.



## CUIDADO COM AS ORELHAS

Um jovem árabe apresenta-se no dispensário, levando pela mão um irmãozito.

“Que queres? pergunta-lhe a Irmã. Onde está a tua Mãe? Ela é que devia acompanhar-vos para para explicar a doença ao doutor.

— A minha mãe está em casa, mas eu sei dizer tudo muito bem.

— Então vamos lá a saber o que é.

— Doutor, o meu irmão sofre dos ouvidos há quatro anos.

— Há quatro anos e só agora é que o trazes à consulta? Como principiou a doença?

— Isso não sei. Quando êle ainda era pequenino, a minha mãe deixou-o em casa dum velho barbeiro para que lhe tomasse conta dêle por algum tempo. Um dia escapou-se e o barbeiro, furioso, quando êle voltou, cortou-lhe as orelhas de tal maneira que desde então ficou sempre a sofrer dos ouvidos.”

## DESMENTINDO...

Uma Franciscana Missionária de Maria do Congo envia aos pequeninos amigos da "Tribuna,, o interessante retrato dum pretinho.

Diz-se muitas vezes que os pretos são feios e estúpidos, mas eu protesto enèrgicamente e como prova apresento o nosso pequenino Mpembê.

Respirando vida, exuberante, alegre, espi-rituoso até, com a sua carita de espertalhão, o nariz chato, os grandes olhos inocentes e sempre riso-nhos, o nosso petiz está longe de merecer o cum-primento equívoco que tantos mortais dirigem à beleza e à inteligência dos congolese.

Mpembê, vai nos quatro para os cinco anos talvez; é uma criança abandonada com que a Providência nos presenteou. Baptizado última-mente, recebeu como padroeiro o grande S. José.

O nosso negrito tem uma voz encantadora. Passa horas inteiras a cantar hinos litúrgicos, cân-ticos da escola, baladas indígenas, emfim todo o seu reportório!...

Mostra um atractivo particular pelas coisas santas e tôdas as manhãs assiste à Missa na nossa capela. Algumas vezes todavia, é preciso confessá-lo, Mpembê têm distracções na sua ora-ção. Quem é que não sofre dêsse mal? Dis-tracções... involuntárias, portanto muito des-culpáveis. A culpa é dêsses endiabrados mosquitos que, em zumbidos furiosos, vêm irritá-lo, mordê-lo, pôr a sua paciência à prova. Então faz-lhes uma caçada em forma, bate à direita, mata à esquerda, espreita-os, arma-lhes ciladas e obtém vitórias retum-bantes. Mas eis que se entoa a "Ave Maris Stella,, Fica logo muito atento, abandona o combate, levanta-se devagarinho e na pe-numbra do fundo da capela, desliza até junto do harmónio. Começa a cantar carregando com tôda a fôrça dos seus pulmõezitos nos "oo,, e "aa,, pronunciando claramente algu-

mas palavras que a inteligência pôde reter. No momento da Sãgrada Comunhã, o pequeno José prostra-se com os comungantes e diz o Confiteor numa língua que nada tem de latim, nem de con-golês, muito menos de português e que por essa razão ninguém chega a compreender, a não ser talvez os anjos.

Várias vezes já, o pequeno sacristão se dirigiu para o banco da Comunhã, mas é sempre enga-nado na sua expectativa, e volta para o lugar, dando um grande suspiro e pedindo a Deus que o faça muito... grande e ajuizado para realizar o grande desejo de receber a Jesus.

Terminada a Santa Missa, o nosso pretinho acaba as suas orações particulares, 5 Padre-Nossos e Ave-Marias com os braços em cruz, como viu fazer às Religiosas. E no seu fervor de neófito, levanta heròicamente os bracitos muito alto, verti-calmente acima da cabeça, mas não fica assim muito tempo e ao cabo de dois ou três segundos, a oração está terminada. Uma última prostracção, tão profundamente que a testa bate no pavimento, depois de cumprido o seu dever, e Mpembê vai embora tão sorrateiramente como veio.



## UM FUTURO MISSIONÁRIO

Tiago, que tem seis anos e meio, prepara-se para a primeira Comunhão. Porta-se muito bem e sabe o catecismo a fundo, sendo muitas vezes o que tira melhor nota.

Um sábado em que a sua aplicação foi na verdade surpreendente, é o primeiro a escolher entre os prémios distribuídos no fim da semana.

Tiago não hesita; agarra logo uma estampa que representa um menino da primeira Comunhão ajoelhado aos pés de Nossa Senhora, e... beija-a amorosamente. A professora, com a ponta do dedo segue as palavras escritas por baixo da imagem. Dócil, o rapazinho soletra: "Meu filho, que- res ser Padre... um... dia?"



— Que é que tu responderias, Tiago?...

Um momento de reflexão, e depois solta um profundo suspiro:

— Verme-ia obrigado a dizer que não!...

— Oh! Porquê?...

— Eu quero ser um Padre Franciscano.

— Mas um Padre Franciscano é um Padre; diz Missa, põe a mão e confessa.

— Sim, replica a criança, é verdade, mas não veste como os outros e além disso... — e o seu olhar cândido brilha com fulgor — vai baptizar os pequeninos pagãos... na China!...



Os pretinhos e chinesinhos que guarnecem este frizo, esperam encontrar entre os amigos da Tribuna um padrinho ou uma madrinha. Aguardam ansiosos a sua resolução e os seus rostos encantadores exprimem já a alegria que hão-de sentir ao receber tão agradável notícia. E depois com que fervor não pedirão eles a Jesus que lhes conceda graças infindas! E as suas orações serão ouvidas, porque o Senhor ama com predilecção os pequeninos, êsses coraçõezinhos puros e inocentes, que principiam a balbuciar o seu nome já com tanto amor!

**AVISO.** — A «Tribuna das Crianças» Assinatura anual 5\$00.

— Colónias 6\$00.

Para os assinantes dos Anais 4\$00 — Assinantes Bemfeitores, grátis.

Número avulso \$50.

**Imprimatur.**

Bracaræ, 14 Februarius 1938.

† A., Arch. Bracaræ.